

HISTÓRIAS DE LEITURAS DE FUTUROS PROFESSORES: ALGUMAS REFLEXÕES

Mariângela Dal Bianco Garcia¹

Buscamos, com base em estudos nas áreas da História Cultural e de Formação de Professores, contextualizar a leitura na vida de graduandos de Pedagogia que frequentam uma Instituição de Ensino Superior privada, localizada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, resgatando memórias e histórias de suas práticas de leituras para, assim, conhecer suas experiências e vivências como leitores e a relação destas com a sua formação e futura atuação profissional.

A partir de discussões embasadas nos estudos de Chartier (2011; 1999) e Tardif (2002), dentre outros pesquisadores, a investigação caminha por histórias de leituras de estudantes de Pedagogia, cada qual com uma trajetória (tais como: pessoal, familiar e profissional), caracterizando sua formação como educador.

Observamos as aulas do 1º e 3º anos de Pedagogia durante aproximadamente um mês, para criar o vínculo com os alunos.

Aplicamos 35 questionários no 1º Ano e 34 questionários no 3º Ano. Em seguida, entrevistamos 4 alunas do 1º Ano e 5 alunas do 3º Ano. Assim, obtivemos no total 69 questionários respondidos e 9 graduandas entrevistadas.

Para melhor contextualização, as leituras são analisadas pela perspectiva social, como prática cultural, pois são investigadas numa abordagem a partir da História Cultural, que procura romper o paradigma das grandes leituras das personalidades da história e dando importância para as leituras dos cidadãos comuns, do dia a dia.

O foco da pesquisa em questão é identificar práticas de leitura vivenciadas pelos estudantes de Pedagogia em diferentes espaços sociais, ao longo da infância, adolescência e durante a Graduação, como também verificar dilemas das leituras dos estudantes de Pedagogia no processo de entrada para a vida acadêmica e preparação para a vida profissional, na visão dos próprios estudantes.

Sabemos, conforme pontua Freire (1983), que os sujeitos realizam leituras de mundo, considerando que estas precedem a leitura da palavra, do código escrito. Nesse sentido, ao chegar na Educação Básica, o aluno traz a sua leitura de mundo e esta deverá ser reconhecida pelo educador. Em se tratando da leitura da palavra escrita, foco central de nossos estudos, pontuamos que há, muitas vezes, uma diversidade de textos lidos pelos educandos e, em muitas situações, essas leituras não são (re)conhecidas pela escola. Assim, podemos questionar: o que acontece na trajetória escolar que valida algumas leituras e desconsidera outras?

Diante desses apontamentos, indagamos: e os estudantes de Pedagogia, além de realizarem suas leituras de mundo, quais são suas leituras de textos escritos?

Investigamos as práticas de leitura vivenciadas por estudantes de Pedagogia, refletindo sobre a necessidade de (re)conhecê-las no processo de sua formação profissional, fortalecendo a significação das suas leituras e, ainda, a importância de intensificar suas práticas no contexto da formação inicial.

Vários questionamentos foram realizados aos estudantes e, neste artigo, apresentamos alguns deles para as nossas reflexões: se os alunos gostam ou não de ler, quais gêneros de leituras liam antes de cursar Pedagogia e leem durante o curso e quais são os influenciadores de suas práticas de leituras. Em nossa pesquisa, de 35 alunos(as) do 1º Ano, 3 escreveram não

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação na Universidade de Araraquara – UNIARA; Araraquara, São Paulo, Brasil. E-mail: maryangel_rp@hotmail.com.

gostar de ler e 32 escreveram gostar. De 34 alunos(as) do 3º Ano, 4 escreveram não gostar de ler e 30 escreveram gostar.

Das 3 graduandas do 1º Ano que escreveram não gostar de ler, 2 escreveram não gostar, mas por estar cursando Pedagogia e com os incentivos da Faculdade, o gosto pela leitura já estava mudando. A única pessoa do 1º Ano que disse não gostar “pois tem dor de cabeça” (Elis²) assinalou também que lia antes de entrar no curso: revistas, receitas culinárias e bulas de remédio e, depois de entrar no curso: bulas de remédio, receitas culinárias e livros didáticos.

Do 3º Ano, das 4 alunas que escreveram não gostar de ler, 2 delas afirmam que não gostam muito, mas leem quando é preciso; uma graduanda afirma que não consegue ficar concentrada lendo por muito tempo algo que não gosta, mas que já leu vários livros de ação e terror, assuntos estes que realmente gosta; e a quarta aluna afirma não gostar muito, “porque algumas coisas não prende a minha atenção muitas vezes” (Beatriz). Mesmo afirmando não gostarem de ler ou não gostarem muito de ler, as quatro alunas escreveram ler antes e durante o curso de Pedagogia, gêneros diversos.

Verificamos que todas as respostas dos(as) alunos(as) que foram contrárias ao “sim” pelo gostar de ler, não representam exatamente que não praticam leitura.

Como vimos, a maioria revela que gosta de ler e os(as) alunos(as) retratam que realizam leituras no cotidiano de vários tipos de textos, são eles: revistas, livros de literatura, jornais, histórias em quadrinhos, receitas culinárias, bíblia, cartas, dentre outros.

Consideramos que a leitura deva ser uma prática cada vez mais presente no cotidiano dos futuros professores que, dentre várias funções, assumirão papéis de alfabetizadores de crianças, jovens e adultos. Consequentemente, também serão os formadores e multiplicadores de leitores.

Por mais que a leitura seja um ato universal, há uma variedade de modelos de leituras, formas, práticas, competências. “[...]Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. [...] O que muda é o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é regido pelos mesmos princípios[...].” (CHARTIER, 1999, p. 91). Cada leitura é única e precisa ser entendida em um determinado contexto, determinada sociedade.

Chartier justifica que há um distanciamento dos jovens em relação às leituras, pois o que a escola define como “cânone” não são as leituras que os jovens se interessam. “[...]É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude[...].” (CHARTIER, 1999, p. 104). Assim, a partir do que o jovem se interessa por ler é importante estabelecer uma relação e não anulação com estes textos, para que haja uma extensão do projeto de leitura e ampliação para textos “[...]densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar” (CHARTIER 1999, p. 104).

Dessa forma, nossa pesquisa caminha ao encontro desse pensamento de Chartier (1999), visando especialmente neste artigo refletir sobre se gostam de ler, o que liam antes e durante o curso, os gêneros lidos e também identificar suas influências, o que motivou e ainda motiva as práticas de leituras dos estudantes de Pedagogia. A partir da investigação dessas questões, poderemos pensar em possibilidades de ampliação das práticas de leituras, para que cada pessoa consiga a partir do que realmente gosta de ler, traçar projetos mais amplos de leituras, sabendo de sua real importância. Na tabela que se segue podemos conferir quais são os influenciadores das leituras apontados pelos(as) alunos(as):

² Enfatizamos que os nomes das graduandas apresentados neste artigo são fictícios.

	1º Ano	3º Ano
Amigos	4	7
Escola	22	18
Família	14	19
Outros	2	14 ³

Tabela 01: Influenciadores da Leitura – Questionários elaborados pela autora.

Cada aluno(a) tinha como marcar mais de uma opção na questão dos influenciadores da leitura para que fosse possível vermos todas as contribuições para as práticas de leituras na vida dos futuros professores, segundo percepção dos(as) próprios(as) alunos(as) durante a Graduação. Tardif (2002, p. 61) classifica os saberes dos docentes como plurais e de fontes variadas.

[...]Os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são de um certo modo “exteriores” ao ofício de ensinar, pois provém de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita ou situados fora do trabalho cotidiano[...]. (TARDIF, 2002, p. 64).

O assunto de formação de professores é complexo e nosso foco é a prática da leitura dos estudantes de Pedagogia. Quando Tardif (2002) classifica as origens dos saberes docentes, de alguma forma inclui a família, a escola, o curso de formação, saberes oriundos de livros didáticos e saberes do trabalho, mesmo considerando que todos os saberes se transformam a cada dia com a própria execução do trabalho docente. Podemos dizer que de uma forma bastante densa, todas as experiências de vida fazem diferença na formação dos futuros professores.

Como observamos, os graduandos tem diversas influências nas práticas das leituras, alguns inclusive assinalaram mais de uma opção como influenciadores. No 1º Ano, 9% das respostas apontaram os amigos como influenciadores de leituras, por terem, por exemplo, “os mesmos hábitos” (Fátima) ou, conforme aponta a graduanda Bruna, por “falarem que leram algo que me interesse e eu tenha curiosidade de ler também”; 34% das respostas sinalizaram a família como influência para as práticas de leituras, apresentando os pais, tios ou irmãos como leitores e exemplos para os estudantes; 4% das respostas apontadas como “outros” disseram ter sido motivados(as) por si mesmos(as).

No 3º Ano, 12% das respostas apontaram os amigos como influenciadores de leituras, “os amigos indicam leituras” (Cristiane), emprestam livros e por comentarem também; 33% das respostas sinalizaram a família como influência para as práticas de leituras, por presenciarem, desde pequenos, leituras feitas pelos pais, mães, tios, por ganharem livros na infância ou por irmãos fazerem “competições de leituras” (Marina); 24% das respostas apontadas como “outros” sinalizam, todas elas, a faculdade como influenciadora das práticas de leituras pela importância que tem no curso e na futura profissão.

Destacamos que há uma grande possibilidade de refletirmos sobre o quanto impactante são as práticas de leitura influenciadas pela instituição de ensino, já que na pesquisa, 53% das respostas dos(as) alunos(as) do 1º Ano elegeram a escola como maior influenciador das práticas de leituras.

Na escola a influência era dos professores para a leitura de seus textos dos próprios materiais. Já na faculdade a influência aumentou por serem mais textos e pelo projeto de leitura. (Bruna – aluna do 1º Ano de Pedagogia).

³ As 14 entradas referem-se à Faculdade (Questionários preenchidos pelo(a)s aluno(a)s do 3º Ano).

No 3º Ano, 31% das respostas dos(as) aluno(a)s sinalizaram a escola como maior influenciadora.

Lembro de uma professora que todos os dias lia para os alunos e depois escolhíamos outro livro para lermos individualmente para uma roda de conversa. Assim fui me interessando pela leitura. (Cristiane – aluna do 3º Ano de Pedagogia).

E ainda no 3º Ano, 24% das respostas dos(as) aluno(a)s sinalizaram a opção “outros”, explicando ser a Faculdade o influenciador indicado:

Faculdade, porque para se tornar uma professora temos que ler bastante e sempre está se atualizando. (Mônica– aluna do 3º Ano de Pedagogia).

Por meio desta pesquisa também conseguimos verificar que durante o curso de Pedagogia, as práticas de leituras dos(as) alunos(as) sofreram modificações nos gêneros mais lidos, conforme tabela das leituras antes e durante o curso:

	1º Ano - ANTES	1º Ano - DURANTE	3º Ano - ANTES	3º Ano - DURANTE
1º mais lido	Revistas	Livros de Literatura	Revistas	Livros de Literatura
2º mais lido	Livros de Literatura	Livros Didáticos	Livros de Literatura	Revistas
3º mais lido	Receitas Culinárias	Revistas	Histórias em Quadrinhos (Gibis)	Livros Didáticos
4º mais lido	Bulas de Remédio	Bulas de Remédio	Jornais e Receitas Culinárias	Textos Científicos e Jornais
5º mais lido	Jornais	Jornais	Bulas de Remédio e Cartas	Receitas Culinárias

Tabela 02: Leituras antes e durante o Ensino Superior – Questionários elaborados pela autora.

Na questão sobre os tipos de leituras que os(as) alunos(as) faziam antes e estão fazendo durante o curso de Pedagogia, pudemos notar uma mudança dos gêneros mais lidos tanto no 1º Ano, quanto no 3º Ano. As revistas foram as mais apontadas, nos dois anos, como mais lidas antes do Ensino Superior, com 27 inserções para o 1º Ano e 28 para o 3º Ano. Para a leitura mais indicada durante o curso de Pedagogia, os livros de literatura foram os mais citados nos dois anos analisados, com 24 inserções o 1º Ano e 25 para o 3º Ano.

No geral, os gêneros mais lidos mudaram entre antes do curso de Pedagogia e durante, bem como o número de leitores aumentaram e assinalaram práticas de leituras em diversos gêneros. Isso porque entre livros didáticos, livros de literatura, textos científicos, histórias em quadrinhos (gibis), revistas, jornais, regras de jogos, receitas culinárias, bulas de remédio e cartas, tínhamos antes do ingresso no Ensino Superior, no 1º Ano, 114 inserções e, no 3º Ano, 136 inserções de leituras enquanto durante o curso tivemos, no 1º Ano, 125 inserções e, no 3º Ano, 150 inserções de leituras.

Entendemos que as práticas de leituras sejam fundamentais para a rotina de qualquer docente. O assunto pesquisado é bastante denso e complexo. A nossa intenção é poder

contribuir de alguma forma com a contextualização das leituras nas trajetórias de vida de futuros professores, resgatando memórias e histórias de práticas de leituras para conhecer suas experiências e vivências como leitores e a relação destas com a sua formação e atuação profissional. Estas reflexões das histórias de leituras dos alunos de Pedagogia tem o intuito de compreendê-las, valorizá-las para ampliar as suas possibilidades como leitores e futuros formadores de alunos da Educação Básica.

Referências

- CHARTIER, R. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, R.(Org.); DARNTON, R.; FABRE, D. **Práticas de leitura.** Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1983.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.